

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Paul Vecchiali, Fazer Cinema na Diagonal
20 de Fevereiro de 2025

WONDER BOY– DE SUEUR ET DE SANG / 1993

um filme de Paul Vecchiali

Realização e Argumento: Paul Vecchiali, a partir de um romance de Frédéric Leroy / Diálogos: Frédéric Leroy, Paul Vecchiali / Imagem: Georges Strouvé / Montagem: Paul Vecchiali, Cathy Chamorey / Som: Dominique Pauvros / Música Original: Roland Vincent / Decoração: Jean-Claude Gernolle / Guarda-Roupa: Nathalie Cercuel / Com: Fabienne Babe (Nora Mouche), Sam Djob (Maurice Maïeux), Kader Boukhanef (Philippe Raclan), Jonathan Kinsler (Inspector Riffard), Jacques Martial (Marcel Maïeux), Judith Reval (Emmanuelle), Bernard Rosselli (Vittorio), Pierre Semmler (Caron), Nicolas Silberg (Comissário Garraud), Franck Tiozzo (Macauret), Rüdiger Vogler (Rudy Faraguss), etc.

Produção: Diagonale, Ultramarine (França, 1993) / Co-produção: Société Française de Production (SFP), Kristian Kuhn Filmproduktion GmbH / Produtor: Phillip B. Goldfine / Co-produtor: Boudjemaa Dahmane (SPF) / Produtor Executivo: Foued Nassah / Cópia: em 35mm, cor, legendada electronicamente em português / Duração: 117 min / Estreia: 30 de Novembro de 1994 (França) / Primeira apresentação na Cinemateca.

Wonder Boy – De Sueur et de Sang parte de um romance de Frédéric Leroy, que colaborou nos diálogos do filme, escritos em conjunto com Paul Vecchiali, que, para além de realizador, assina o seu argumento. Maurice Maïeux, o protagonista, é filho de um antigo campeão de boxe e deseja tocar violino, em vez de seguir o destino do pai, que, face a um desejo que não compreende, contrata uma jovem prostituta para atestar a sua virilidade.

Este é o ponto de partida de um filme de início dos anos noventa que desloca Paul Vecchiali para um universo que desconhece, o mundo do pugilismo. É também o princípio de uma história de amor feita de sangue, suor e lágrimas, que toca o universo policial, numa fusão de géneros tão cara a Vecchiali. Um filme feito de duas personagens improváveis, como a bela prostituta e o jovem boxeur negro, que se envolvem numa relação amorosa e num inesperado crime. Não se trata propriamente de um crime passionnal, pois a paixão virá depois, mas de um crime que inspirará mais um melodrama de cariz popular, em que a pureza das personagens contrasta com a podridão do mundo.

Como se escrevia no *Le Monde* em 1994 a propósito de **Wonder Boy**, “Aproveitando os clichés dos géneros (o fantástico em **Les Ruses du diable**, o porno em **Change pas de main**, o melodrama populista em **Rosa la rose**, a comédia musical em **Encore-Once More**), dá mais uma vez todo o seu sumo nesta encenação do thriller. Vecchiali não se distancia do género; pelo contrário, respeita à risca as suas regras e clichés. Mas longe de querer criar um subúrbio parisiense, trata o ambiente tal como ele é: uma cidade na região de Ile-de-France e um cenário de filme. Da mesma forma, a paixão que une o jovem pugilista e a bela prostituta obedece às leis intangíveis do romanesco sentimental, os protagonistas secundários compõem uma galeria de arquétipos que, em juntos, formam um complicado jogo de máscaras, de distância humorística e violentamente crítica.”

Ao confrontar os clichés policial americano (sendo que o romance de origem, não é americano) com alguns dos clichés do cinema francês, Vecchiali constrói um filme inesperado que revela algumas fraquezas. Na altura da sua estreia, parte da crítica não foi muito elogiosa para com **Wonder Boy**, censurando sobretudo a falta de verosimilhança dos intérpretes e o facto de a “narrativa não ultrapassar os clichés em que se inspirava”. Um artifício involuntário que em nada beneficiaria as personagens, num cinema que vive sobretudo dos corpos e das suas paixões.

Primeiro crítico e depois cineasta verdadeiramente cinéfilo, Paul Vecchiali sempre procurou reinventar o seu cinema e os muitos géneros que trabalhou, do melodrama, ao policial, passando por um cinema fantástico aberto à imaginação. Ferozmente independente, o prazer de filmar esteve sempre aliado ao prazer de contar histórias como esta, de forma extremamente livre. Vecchiali percebeu cedo como a sua independência e a sua integridade artística só poderiam permanecer salvaguardadas se controlasse os meios de produção, daí a criação de uma produtora como a Diagonale, que está na origem deste filme e no centro da sua obra e da dos vários cineastas e muitos colaboradores que gravitaram à sua volta.

Prosseguindo a exploração dos caminhos do desejo de filmes anteriores e uma uma nostalgia de um cinema de cariz mais popular tão caro a Vecchiali, **Wonder Boy** revela como o cineasta não cessa de nos surpreender entre um realismo social e um mundo paralelo inspirado no próprio cinema, em que o artifício conduz ao realismo, mas não à verosimilhança.

Joana Ascensão